

SUMÁRIO

Prefácio – <i>José Carlos Landini</i>	7
Apresentação – <i>Júlia Maria Casulari Motta e Luís Falivene Alves</i>	9

Parte I

As contribuições teóricas para a pesquisa sociopsicodramática

1. Personagem relacional: um novo conceito	15
<i>Luís Falivene Alves</i>	
2. O espaço cênico no psicodrama	26
<i>Agenor Vieira de Moraes Neto</i>	
3. Psicodrama, inclusão e singularidade	37
<i>Norma Sílvia T. Lima</i>	
4. Diálogos entre campos disciplinares: psicodrama e análise institucional ...	46
<i>Luiz Contro</i>	
5. Psicodrama: ética, estética e terapêutica	56
<i>Moisés Aguiar</i>	
6. Poderes, papéis e gênero	67
<i>Devanir Merengué</i>	
7. Estado da arte na ação dramática	82
<i>Júlia Maria Casulari Motta</i>	

Parte II

As contribuições da prática da pesquisa sociopsicodramática

1. O processamento em pesquisa com sociodrama	97
<i>Maria Ester Rodrigues Esteves</i>	

2. O pesquisador e o professor de psicodrama	112
<i>Maria do Carmo E. Mazzotta</i>	
3. O psicodrama em sala de aula: uma compreensão fenomenológica sobre a vivência do aluno de psicologia	124
<i>Liliana Lima</i>	
4. Adolescentes em conflito com a lei, supostamente autores de ofensas sexuais	130
<i>Fernando Cordovio</i>	
5. Uma avaliação crítica do papel de agente comunitário de saúde	143
<i>Miriam Tassinari</i>	
6. A sociometria para além dos testes	156
<i>Bernadete Castro</i>	
7. <i>Role-playing</i> no desenvolvimento do papel de orientador sexual para professores	166
<i>Jamil Aidar</i>	

PREFÁCIO

JOSÉ CARLOS LANDINI

Apresentar este livro requer falar primeiro sobre o Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas (IPPGC), fundado em 1976. Essa escola nasceu do desejo de um grupo de profissionais de diferentes áreas de atuação e do meu sonho como psicodramatista de contribuir para a expansão do movimento moreniano então recém-organizado no país.

Sua primeira casa foi meu consultório, que em alguns horários funcionava como escola de psicodrama. Depois, foi crescendo e tornou-se um instituto – sem fins lucrativos e, portanto, sem um “dono”.

Hoje, com alegria gerada pelo sentimento de vitória, apresento este livro gestado e realizado pelo corpo docente do Instituto. Justamente quando o IPPGC completa 35 anos de fundação.

Psicodrama – Ciência e arte vem preencher uma lacuna na vasta literatura psicodramática. Aborda pontos centrais, tanto da teoria quanto da prática, com relação ao psicodrama como método de pesquisa que reúne ciência e arte. Arte, quando na “busca da verdade por meio da ação”. Ciência, como método não replicável, pois é pesquisa qualitativa. Este é passível de ser analisado, estudado, na sua capacidade de produzir conhecimentos com base nas intersubjetividades dos grupos, em ação. Como produtor de verdades, de conhecimentos, é um instrumento político de cidadania.

Entregamos à sociedade brasileira esta obra relevante, como uma contribuição à construção da Revolução Criadora proposta por J. L. Moreno, como o vir a ser de um mundo melhor.

APRESENTAÇÃO

JÚLIA MARIA CASULARI MOTTA E LUÍS FALIVENE ALVES

Nós do IPPGC estamos a completar 35 anos de uma instituição que, em sua missão de divulgar, difundir, aprender, ensinar e atuar o psicodrama, muito tem contribuído para o movimento psicodramático. Nosso corpo docente sempre buscou sua coerência pedagógica assimilando semelhanças e diferenças próprias do desenvolvimento pessoal de seus integrantes, estimulando a participação significativa na produção científica do psicodrama. Muitos de nossos escritos têm sido publicados em revistas especializadas ou em livros. Faltava um de coautoria exclusiva dos nossos professores que pudesse representar um momento significativo da nossa instituição. Esse momento chegou quando, em 2008, firmamos parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCG) para a construção conjunta do curso de especialização em sociopsicodrama, com reconhecimento pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Psicodrama – Ciência e arte é a realização desse sonho, significativo para este grupo de professores, visto que estudar, refletir, escrever, produzir em grupo é uma das façanhas morenianas mais desejadas. Um livro dedicado ao IPPGC, nosso centro de referência, matriz de formação, de constituição de vínculos afetivos e associativos, de crescimento profissional, de incremento à ciência e à arte do psicodrama.

Por que esse tema? Como chegamos à definição do campo de ação que resultou nos capítulos desta publicação? Precisávamos de margens, de uma linha que nos desse unidade suficiente para compor um livro, para que as partes, quando juntas, fizessem sentido, criando uma coletânea.

Queríamos e, ao mesmo tempo, rejeitávamos a ideia de que para fazer parceria com a universidade deveríamos voltar a estudar aquilo em que já éramos professores havia tantos anos. A realidade nos mostrava que alguns já tinham especialização reconhecida; outros, mestrado e doutorado. Vencidas as resistências, reunimos os esforços

para a criação de um curso de capacitação para os professores que não possuíam titulação, mas notório saber. Já no projeto constava que os trabalhos de conclusão de curso seriam transformados em livro. Desse desafio extra que lançamos, nasceu o incentivo para executar aquela tarefa imposta – mas agora de forma prazerosa.

Pesquisamos interesses em comum, campo de busca de conhecimento que criasse uma rede de vinculações entre todos. Chegamos ao tema da interseção entre ciência e arte no psicodrama. *Será possível o psicodrama fazer ciência e arte numa mesma ação dramática?* Essa passou a ser a pergunta básica como linha de unidade dos trabalhos de pesquisa, tanto teóricos quanto práticos. O livro *Psicodrama – Ciência e arte* nasceu dessa inquietação comum ao grupo de autores.

Os textos estão organizados em duas vertentes:

- Contribuições em aspectos teóricos do psicodrama: ciência e arte. Nessa seção estão reunidos sete trabalhos que abordam novos conceitos, revisam conceitos já conhecidos e, também, trazem propostas de reflexão sobre o método e as metodologias sociopsicodramáticas.
- Contribuições da prática da pesquisa sociopsicodramática dentro da vertente psicodramática: ciência e arte. Nessa seção estão incluídos sete trabalhos que abrangem variados grupos de sujeitos e temas, exibindo toda a versatilidade e aplicabilidade do método sociopsicodramático aos temas sociais da atualidade.

Entregamos esta contribuição ao aprimoramento da socionomia e esperamos que estimule muitos interlocutores. Sabemos que não estamos sozinhos no empenho em construir o campo de saberes e poderes do psicodrama. Acreditamos que esse esforço traduz um movimento de cidadania, de participação política nas transformações sociais. Consideramos este livro, como todos os trabalhos já publicados, mais uma contribuição brasileira ao crescimento da socionomia.

PARTE I

AS CONTRIBUIÇÕES
TEÓRICAS PARA
A PESQUISA
SOCIOPSICODRAMÁTICA

Esta seção traz propostas teóricas para o psicodrama por meio de textos que pretendem incentivar reflexões sobre diversos temas relevantes. Busca a construção de uma resposta à questão básica que conecta todos os trabalhos: *será possível o psicodrama fazer ciência e arte numa mesma ação?*

Sabemos que o tema é amplo, contém muitas possibilidades de respostas e alternativas, é aberto à discussão, estimulando novas produções. Para motivar a leitura dos capítulos, escolhemos fazer uma pequena sinopse de seu conteúdo.

No primeiro texto, “Personagem relacional: um novo conceito”, Falivene Alves tece uma ampla reflexão sobre o conceito de personagem relacional – termo criado pelo autor –, buscando ampliar na teoria psicodramática o conceito de personagem. É ele quem nos diz que “todo ato sociopsicodramático é por si uma pesquisa qualitativa – o diretor psicodramático instala um espaço de observação participante e adentra um campo de indagações e avaliações que se propõe a desvendar o conglomerado de papéis que configuram a personagem relacional”. O que é, então, personagem relacional?

Em seguida, o fio das pesquisas aporta no artigo “O espaço cênico no psicodrama”, em que Agenor Moraes revisita Deleuze e Guattari, buscando um diálogo com Moreno para conceituar espaço cênico. Defende que “as palavras territorialidade e desterritorialidade, além da palavra reterritorialização, podem ser compreendidas num sentido muito amplo, e ser de grande valia quando se pensa em espaço cênico”. Qual, então, a proposta do autor para espaço cênico no psicodrama?

Passamos então a refletir sobre “Psicodrama, inclusão e singularidade”. Nesse capítulo, Norma Lima destaca que “a dramatização socializa o particular, criando a possibilidade de compartilhamento e múltiplas identificações, por meio da criação coletiva, bem como produzindo novos entendimentos e encaminhamentos”. Estará aqui a riqueza da metodologia psicodramática como importante recurso de inclusão?

Ampliando a pesquisa, Luiz Contro escolhe trabalhar com “Diálogos entre campos disciplinares: psicodrama e análise institucional”, oferecendo repertório para refletir sobre a pertinência ou não de complementaridades entre essas disciplinas. Retoma o conceito de conserva cultural mostrando-nos que “considerar a noção de conserva cultural restrita à fase do produto – nas suas diversas acepções – acabado e cristalizado” reduz o conceito, que poderia traduzir uma ação mais viva. Aqui, o que é conserva cultural? Que critérios podem nos guiar para esclarecer se há um território fértil ou inóspito entre determinadas epistemologias?

A seguir, Moisés Aguiar lança luz sobre o tema “Psicodrama: ética, estética e terapêutica” no campo sociopsicodramático e defende “a ética como um ramo particular da estética. Ou seja, os valores que informam nosso comportamento, nossa atuação perante o semelhante, se constroem sob a égide do belo”. Aqui perguntamos: como ver essa proposta do autor nas diferentes metodologias sociopsicodramáticas?

Mas, como as investigações continuam, olhamos agora para “Poderes, papéis e gênero”, com Devanir Merengué focando a discussão sobre a possibilidade de criação de novos papéis sociais, tendo como sujeitos da pesquisa a travesti e a/o transexual. Visa conhecer “como os papéis tomam o formato do corpo, seu desempenho”, afirmando que “travestis e transexuais são autores de seus corpos, na medida em que os constroem”. Podemos perguntar: o que esses sujeitos podem ensinar sobre a produção de papéis sociais nas culturas atuais?

O sétimo capítulo teórico é “Estado da arte na ação dramática”. Aqui, Júlia Motta apresenta a ideia de que, quando no contexto dramático acontece a subjetivação de arte/ciência, ética/estética, saber/poder, criam-se as condições para que o estado da arte aconteça, e propõe que esse conceito traduz “o nível mais alto conquistado no desenvolvimento de uma pesquisa sociopsicodramática, em um tempo definido”. Mas como a autora define a construção, em cena, do *estado da arte*?

1 PERSONAGEM RELACIONAL: UM NOVO CONCEITO¹

LUÍS FALIVENE ALVES

Ao conceituar o protagonista do psicodrama como a “personagem, no desempenho de um papel, que surge no contexto dramático, representando as relações estabelecidas entre os membros do grupo (incluindo a unidade funcional) e entre contexto grupal e social” (Falivene Alves, 1994 e 1999), meu foco foi exatamente mostrar que a nossa intervenção psicodramática se faz sobre a figura da personagem, com a conseqüente repercussão sobre a figura do(s) autor(es) do drama encenado. Localizar a personagem no contexto dramático remeteu-me ao contexto social e à verificação, em meus clientes, de um padrão vivencial, de uma estratégia relacional, que correspondia ao que denominei *personagem relacional*, permitindo algumas incursões teóricas, já presentes em meus trabalhos elaborados para os congressos de psicodrama: brasileiro de 1996 e ibero-americano de 1999 (Falivene Alves, 1998 e 2001). No XV Congresso Brasileiro de Psicodrama, em 2006, apresentei o escrito psicodramático “A personagem relacional” (Falivene Alves, 2007, p. 119-25), precursor deste trabalho. Em relação à teorização sobre personagem, vale ressaltar os excelentes aportes de Calvente (2002) e Perazzo (2010).

No contexto dramático, podemos conceituar *personagem como a representação teatral de uma figura humana, de um sentimento, de uma emoção, de uma divindade, de um objeto etc.* Costumamos ver atores representando uma pessoa ou um animal, a raiva ou o medo, um mito ou um deus, um quadro ou um livro, que como personagens podem sentir, falar, agir, interagir. No psicodrama, são frequentes as cenas em que se concretiza uma sensação, um sentimento, transformando-os em uma personagem, possibilitando assim

1. Este capítulo é uma condensação do TCC: “A personagem relacional: uma sociopsicodinâmica como foco de intervenção psicodramática”, apresentado no curso de especialista em supervisão e didática psicodramática UCG-IPPGC, Campinas, 2009.

a intervenção das técnicas psicodramáticas: entrevistar, promover uma inversão ou um confronto com o protagonista, convertê-la em outra personagem metafórica.

No contexto social, podemos também conceituar *personagem como a representação social do indivíduo*. Popularmente, diz-se que uma pessoa tem personalidade quando ela se apresenta como uma personagem marcante, identificatória, reconhecível como própria daquela pessoa. É essa personagem que vai desempenhar os papéis e contrapapéis necessários à vida social.

Necessário se faz distinguir papéis de personagem. Embora sejam conceitos bem definidos, têm sido usados com certa imprecisão, com alguma frequência, em comunicações escritas ou orais. Personagem e papéis estão implicados entre si, já que as personagens atuam por meio de papéis e estes, por sua vez, só adquirem especificidade quando advindos de uma personagem.

A dinâmica ego-personagem-papéis

Com a finalidade de alicerçar a tese que passo a defender, me permito usar um conceito ampliado de ego, que contenha um ego relacional, um ego observador e um ego criativo, incluindo a função psíquica de organização. Ao nascermos, já somos dotados de um ego incipiente, primordial, com capacidade potencial de progressivamente, por meio de seu percurso vivencial, estabelecer correlações entre mundo interno e mundo externo.

Se, como uma hipótese moreniana (Moreno, 1975, p. 25), os papéis são os precursores na formação do ego, devemos destacar que, inicialmente, será por meio dos contrapapéis que a criança estabelecerá suas primeiras relações com o mundo. O bebê nasce incapaz de sobreviver por si só. É extremamente dependente de cuidadores. Os primeiros a se apresentar – mãe, pai, avós, tios, babás – oferecem seus cuidados, suas atenções, seus amores. Ao oferecer seus papéis, solicitam e nomeiam os contrapapéis desejados – meu filho, minha netinha, fofura da titia –, assim como as expectativas para esses papéis: mamar sossegado, comer toda a papinha, não chorar muito, dormir e outras que se seguem, conforme o desenvolvimento da criança.

No exercício repetido desses contrapapéis, o aparato anatômico sensorial passa a construir um ego, uma singularidade, e, progressivamente, na medida em que se percebe em suas vinculações relacionais mais estáveis, passa a exteriorizar seus papéis e a demandar seus correspondentes papéis complementários. Ou seja: se no início era a mãe que procurava o filho para amamentá-lo, trocar suas fraldas, acalentá-lo, se eram os adultos que sentiam vontade de colocar a criança no colo ou dar-lhe banho, com o pas-